

O eleitor silencioso e perplexo

JORNAL DO BRASIL

Homero Icaza Sánchez

Faltando poucos dias para as eleições que escolherão o futuro presidente do Brasil — após 29 anos sem o exercício do direito democrático de eleger, através do voto, o dirigente do país — é necessário examinar com isenção quais foram os fatos e atitudes que contribuíram ou poderiam ter contribuído para que o eleitor pudesse, devidamente informado, exercer o seu direito de escolha.

Os fatos foram tantos que vale a pena organizar os mais importantes dentro de um critério histórico. Salvo omissões involuntárias, podem ser relacionados da seguinte forma:

a — A nova Constituição é uma colcha de retalhos, fruto dos *lobbies*, de direita e de esquerda, em que alguns direitos (individuais) são tão adiantados como os que são exercidos nos países mais civilizados. Ao mesmo tempo, estão incluídos, na nova Carta, direitos que só podem ser classificados como fruto da mais desbragada demagogia (o jovem de 16 e 17 anos pode votar, mas é, perante a lei, incapaz e inimputável. Pergunta-se: se ele comete um crime eleitoral, quem vai para a cadeia? O seu pai?).

b — A Constituinte foi a arena em que todos os presidencialistas e candidatos a governadores de estado fizeram acordos e combinações em função das suas aspirações pessoais imediatas, sem discutir a racionalidade e aplicabilidade do que se aprovava.

(Houve, até, uma tentativa de parlamentarismo, ignorando o voto distrital, com o que o Brasil passaria, realmente, a ser o país mais criativo em termos de regime político de governo.)

c — Entretanto, com todos os casuismos e manobras dos políticos e dos partidos, descobriu-se, após aprovada a nova Constituição, que, para os eleitores brasileiros, os políticos eram a classe mais desmoralizada do país, seguidos dos congressistas e do presidente da República. A demagogia que reinava na Constituinte tanto não atingiu seu objetivo que o índice de renovação dos vereadores e prefeitos, na eleição de novembro de 1988, foi superior a 60%, e a maioria dos políticos tradicionais foi derrotada nas suas aspirações de reeleição. Os partidos tradicionais ignoraram este aviso.

d — No momento em que começou a campanha presidencial, o povo descobriu que os candidatos à Presidência da República *não eram para valer*, uma vez que as cúpulas partidárias apresentavam, todas as semanas, hipóteses de substituição. Os candidatos dos dois mais importantes partidos do país estiveram à beira de

serem “renunciados” todas as semanas. Nesse sentido, o eleitorado aprendeu que a esquerda era mais fiel aos seus líderes. Entretanto, esquerda, centro e direita aprovaram o veto presidencial que permitia o vale-tudo, em termos de candidaturas.

e — As cúpulas partidárias, de centro e de direita, num país em que a esquerda só representa 35%, criaram no eleitor, que não é de esquerda, um clima de perplexidade que, na semana passada, faltando somente 15 dias para as eleições, refletia-se no índice de *todos os institutos de pesquisas*, quando eram unânimes em constatar que mais de 40% do eleitorado ainda não tinha candidato a presidente da República.

Este é o pano de fundo ou a paisagem na qual será encenado o balé das eleições de 15 de Novembro.

Além da paisagem, convém analisar o comportamento dos vários candidatos e das cúpulas de seus partidos, de forma a confirmarmos que também os políticos consideraram os eleitores uma massa de manobra, capaz de ser manipulada através da televisão e capaz de mudar de opinião de acordo com os seus interesses particulares.

Esse fato é tão grave que o público já sabe que, desde o seu lançamento, a candidatura de Ulysses Guimarães está sendo cristianizada, em banho-maria, a favor de Mário Covas ou de Leonel Brizola, de acordo com os interesses baixos ou das aspirações presidenciais do candidato a vice-presidente da sua chapa e da esquerda pemedebista que o apóia.

Da mesma forma, Aureliano Chaves — que foi o único candidato eleito por uma verdadeira convenção nacional de um partido — foi, diariamente, *vendido* pela executiva do seu partido, até culminar no episódio Sílvio Santos.

O candidato Mário Covas, que teve uma atuação *socialista* na Constituinte, preferiu as vantagens de um empurrão na mídia eletrônica e escrita às suas convicções, e produziu um “choque capitalista” que fraudou a expectativa dos seus eleitores históricos e não conquistou o capitalismo tradicional (que é tão coerente como a esquerda radical).

Dos candidatos de esquerda, o mais monotonamente coerente é o ex-governador Leonel Brizola, que atribui todos os seus percalços e dificuldades a uma possível manobra de forças ocultas e à presença obsedante do fantasma da Proconsult, que ele, na sua lógica gaúcha, confunde com a informática. Entretanto, tem a vantagem de não ter, nem admitir, substituto latente, nem regra-três, por ausência absoluta do possível número 2.

O candidato Luis Ignácio Lula da Silva é

mais coerente que a executiva do seu partido e consegue, não obstante as lutas intestinas entre as esquerdas que o apóiam, transmitir uma imagem de unidade ideológica, ou seja, o grupo do PT costuma, como se diz, “lavar a roupa suja em casa”, e raramente traz a público seus problemas digestivos.

O candidato Fernando Collor de Mello representa e personifica o que os marketeiros paulistas chamariam de *direita light*. Trata-se de um jovem intempestivo, de gestos e linguagem incontroláveis, com um passado político semelhante ao de um *deputado-estadual-lider-da-oposição* e um respaldo econômico tão consistente que inclui uma frota de jatos ao estilo Donal Trump e uma eficácia de organização de agenda política superior à de qualquer candidato a governador de estado nos Estados Unidos. Para ser perfeito, faltou-lhe tino na escolha de seus aliados estaduais e modéstia para aceitar a assessoria de políticos tradicionais. Preferiu ser um produto a um candidato. Seu discurso foi tão reduzido e tão eficaz que todos os outros candidatos o repetiram depois de uma semana; não obstante a *onda de queda* que o agride desde finais de agosto, consegue equilibrar-se na sua prancha de surfe, certo de que faltam aos outros candidatos tempo, dinheiro e competência para conseguir superá-lo.

Os outros candidatos, excetuado Guilherme Afif Domingos — que é jovem, fala um português correto e tem um programa e uma ideologia nacionais —, são candidatos meramente regionais (Maluf, Caiado e Celso Brant), alternativos (Freire, Gabeira e Afonso Camargo) ou folclóricos (Marronzinho, Pedreira, Livia, PG, etc.). Fora esses, tem um autêntico: o seu nome é Éneas.

Você, leitor, seria capaz de condenar a perplexidade do eleitor brasileiro com esta paisagem, este pano de fundo e estes artistas de desempenho hiperbólico? É possível atribuir ao baixo nível de instrução o descaso do eleitorado? Ou não será a milenar sabedoria do povo a causa da sua indiferença e descrença na classe política nacional?

Os americanos, que há muitos anos estudam esse tipo de fenômeno sociológico, conseguiram classificá-lo e deram a esta faixa do eleitorado o poético nome de “multidão silenciosa”.

Mas isso, e o surgimento, ascensão e queda de Sílvio Santos como candidato, são temas para futuras meditações.

Homero Icaza Sánchez é analista de pesquisas de opinião pública e PDG do Instituto Técnico de Análise de Pesquisas e Estudos — Itape